

Entre a Doutrina e a (Não)Doutrina: Notas Inspiradas por um Ícone

Between Doctrine and (Non)Doctrine: Notes Inspired by an Icon

Marcelo Furlin, PhD
Universidade Metodista de São Paulo
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6282-3721>

Resumo

A História é ilustrada por ícones, que se desdobram em pensamentos e em ações. Sob a inspiração de Dr. Álvaro Vasconcelos, pensador português e cidadão cosmopolita, o texto aborda a condição do ser humano no mundo contemporâneo, em movimentos das periferias para o centro, entre a Tradição e a Modernidade, com vista à plena dignidade. Nesse sentido desafiador, notas significativas da Doutrina Social da Igreja e da Carta Encíclica *Fratelli Tutti* promovem interpretações inspiradoras sobre a (não)doutrina e horizontes de crítica para questões pulsantes da atualidade.

Palavras-chave: Comunidade Humana; Contemporaneidade; Doutrina Social da Igreja; Carta Encíclica *Fratelli Tutti*.

Abstract

History is illustrated by icons, unfolded by thoughts and actions. Under the inspiration of Álvaro Vasconcelos, a Portuguese thinker and cosmopolitan citizen, the text addresses the human condition in the contemporary world, in movements from the periphery to the center, between Tradition and Modernity, with dignity as the ultimate aim. In this challenging sense, significant notes from the Social Doctrine of the Church and the Encyclical Letter *Fratelli Tutti* promote inspiring interpretations concerning (non)doctrine and critical horizons for today's burning issues.

Keywords: Human Community; Contemporary World; Social Doctrine of the Church; Encyclical Letter *Fratelli Tutti*.

Preâmbulo

Dr. Álvaro Vasconcelos. Um cidadão português. Um investigador internacional. Um ícone. Ícones são figuras que se desdobram, ao ritmo de lugares e de tempos, com matizes emblemáticos. A história da comunidade humana é traçada por ícones – com intensidades diversas – que promovem o artesanato da dialética. Os ícones identificam limites, indicam horizontes, potencializam a existência.

Sob a inspiração de Dr. Álvaro – um ícone singelo e magistral – o capítulo que segue apresenta arcos de leitura. Entre a doutrina e a (não)doutrina, o vetor de reflexão aponta para notas de Sociologia e de Teologia (esta, em sua visão social). Com efeito, contemplar a condição humana, em sua essência, é uma tarefa que surge por meio do convite para homenagear o vasto pensamento de Dr. Álvaro. De modo particular, a provocação parte de um investigador-narrador-cristão que acolhe, com entusiasmo, observações advindas de fontes variadas, sejam elas cristãs ou não. Que sejam inspiradoras, pois, as notas aqui propostas.

Notas de inspiração (1) – A centralidade do ser humano (e digno)

A conferência *Recolocar o homem no centro: desafio antropológico*, de Fabrice Hadjadj¹ apresentada no II Encontro Nacional de Leigos, em 24 de janeiro de 2015, contempla um horizonte vivaz e instigante sobre o ser humano no contemporâneo. *Lato sensu*, o texto destaca vias de abertura para o ser humano, a fim de que ele possa retornar ao centro da sociedade, do pensamento, da reflexão. Decerto, trata-se do movimento das periferias para o centro, sob um impulso humanizador.

A moldura desta seção está pautada nas partes estabelecidas no referido texto, no intento de evidenciar o fluxo crítico que desenha a proposta antropológica do autor. Como colaboração deste investigador-narrador, uma nova seção é acrescida, com reflexões advindas da Sociologia.

O ser humano no centro?

O questionamento que caracteriza a primeira parte da conferência traz à tona uma singular observação de forma. Sob a perspectiva do autor, o verbo *recolocar*, impresso pela força do prefixo re-, “implica o retorno a um lugar original e não a um lugar arbitrário”. Em outras palavras, a proposição antropológica de Hadjadj

¹ Membro do Conselho Pontifício para os Leigos (Santa Sé), dramaturgo e professor de Filosofia e Literatura. Nascido na França (1971), sua trajetória transcende as fronteiras tradicionais da Filosofia e abrange temas que ecoam desde a espiritualidade à complexidade da linguagem humana.

celebra a referência ao jardim da criação, ao cenário da aliança fontal entre o humano e o divino. Com efeito, o viés aqui apresentado ilumina o verdadeiro lugar da humanidade, o humanismo aberto e não fechado, conforme destaca a Declaração *Dignitas Infinita*, promulgada pelo Dicastério para a Doutrina da Fé em 25 de março de 2024:

14. Nos nossos dias, o termo “dignidade” é utilizado prevalentemente para sublinhar o caráter único da pessoa humana, incomensurável em relação aos outros seres do Universo. Neste horizonte, compreende-se o modo como é usado o termo dignidade na *Declaração* das Nações Unidas de 1948, em que se trata “da dignidade inerente a todos os membros da família humana e dos seus direitos, iguais e inalienáveis”. Somente esse caráter da dignidade humana permite que se fale em direitos humanos.²

O excerto ilumina um humanismo que se abre a todo ser, sem distinção, capaz de conceber um processo existencial entrelaçado por direitos e deveres.

Dignidade humana: traços paradoxais

A palavra *dignidade* assume uma polissemia a ser considerada na esfera do desafio. Por um lado, a dignidade humana está associada à missão de “recolocar o humano no centro”, de “defender a [referida] dignidade”. Por outro, está impregnada pelo domínio total do ser humano sobre a natureza, sob a mácula da devastação. Essa retórica da contradição surge como uma chave de leitura do contemporâneo.

Outra observação de forma está presente na segunda parte da conferência, no tocante ao verbo *centrar*: *descentrar*. Isso coloca em evidência a condição humana do descentrar-se antes do centrar-se – uma abertura ontológica de possíveis, com projeções de risco. Nesse movimento, o cuidado de si e do outro nutre o real significado de dignidade:

26. A dignidade humana, à luz do caráter *relacional* da pessoa, ajuda a superar a perspectiva reducionista de uma liberdade autorreferencial e individualista que pretende criar os próprios valores, prescindindo das normas objetivas do bem e da relação com os outros seres viventes. Sempre mais frequentemente, existe o risco de limitar a dignidade à capacidade de decidir de modo descritivo sobre si e sobre o próprio destino, independentemente daquele dos outros, sem ter presente a pertença à comunidade humana. Em tal compreensão errada da liberdade, torna-se impossível o reconhecimento mútuo dos deveres e dos direitos que nos possibilitam cuidar uns dos outros.³

O cuidado mútuo, que favorece a convivência entre aproximações e confrontos, ressignifica o conceito de liberdade em ecos de integração – o artesanato do sintagma *eu-nós*.

² *Declaração Dignitas Infinita: sobre a dignidade humana*. Dicastério para a doutrina da fé. Brasília, DF: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – Edições CNBB, 2024, p. 25.

³ *Declaração Dignitas Infinita...*, *Op. Cit.*, p. 33.

A questão da comunidade humana: marcas da contemporaneidade

O ser humano, na constante procura de sua dignidade, encontra as instigações de um contexto tecnoliberal, delineado pelo neoliberalismo tardio deste século, que se apresenta como um “desafio antropológico” sem precedentes. Em resposta, é urgente lançar olhares para as urgências dos tempos hodiernos, com a tessitura da unidade que *(re)coloca* – aqui uma observação consubstanciada de forma: o ser no mistério da existência humana.

O verdadeiro sentido da economia

Um aspecto de impacto anuncia que o fundamento da economia não está inscrito na limitação da despesa material, e sim na aplicação para o bem comunitário. Nessa mirada, com vista à minimização da crise econômica e antropológica do contemporâneo, é necessário *reencontrar* – sob outra observação de forma – o sentido da função social de propriedade:

118. O mundo existe para todos, porque todos nós, seres humanos, nascemos nesta terra com a mesma dignidade. As diferenças de cor, religião, capacidade, local de nascimento, lugar de residência e muitas outras não podem antepor-se nem ser usadas para justificar privilégios de alguns em detrimento dos direitos de todos. Por conseguinte, como comunidade, temos o dever de garantir que cada pessoa viva com dignidade e disponha de adequadas oportunidades para o seu desenvolvimento integral.⁴

A integralidade do ser humana é uma premência cada vez mais perceptível, diante de fenômenos que ameaçam o bem-estar pleno. Convergências e divergências fazem parte do mesmo vetor constituinte da História.

Acréscimo: a questão do ser humano hoje, entre a Tradição e a Modernidade

A provocação posta pela conferência sugere um diálogo com o pensamento de um sociólogo que faz parte do repertório conceitual deste investigador-narrador: Anthony Giddens, considerado por muitos estudiosos como o mais importante filósofo social inglês contemporâneo, autor de um projeto teórico intitulado *Teoria da Estruturação*.

Em seus textos escritos na década de 1990, Giddens promove o refinamento de reflexões acerca do que anteriormente chamou *sociedade de classes*. Desde então, o autor faz a opção pelo termo *Modernidade*, que caracteriza os modos de vida ou

⁴ FRANCISCO – *Carta Encíclica Fratelli tutti: sobre a fraternidade e a amizade social*, 2020. Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html

de organização social na Europa do século XVII e que, de forma progressiva, alcança o cenário global. As ressonâncias de tal modernidade são potentes no século XXI, com transformações cada vez mais impetuosas e inesperadas.

Na compreensão de Giddens, a mudança da sociedade tradicional para a modernidade recai sobre condições emblemáticas: a redução das relações entre o tempo e o espaço, que concebe novas agendas, e um tipo particular de reflexividade, por meio da qual o indivíduo moderno busca práticas no fluxo excessivo de informações que o atinge. De certo modo, o mundo moderno é um *mundo em disparada*, visto que o compasso de mudanças é notadamente mais intenso ao ser comparado com sistemas vigentes em épocas do passado. Ademais, as transformações alcançam plenitude e profundidade crescentes e caracterizam o caráter peculiarmente dinâmico da vida social moderna.

Há um aspecto significativo para análise, segundo o autor, na separação das categorias *tempo e espaço*. Nesse fenômeno, todas as culturas lidam com formas de situar-se temporal e espacialmente; em contextos pré-modernos, tempo e espaço estavam conectados sob uma condição situacional de lugar. Nos dias de hoje, inúmeros processos de distanciamento criam uma dimensão esvaziada de tempo e uma percepção reduzida de espaço. As organizações típicas da modernidade não podem ser concebidas sem uma nova integração do tempo e do espaço separados; assim, a organização social moderna convoca a conjunção intensa da ação de seres humanos distantes fisicamente – o *quanto* de tais ações está conectado ao *onde* não apresenta suma relevância. Nesses termos, a modernidade é, essencialmente, uma ordem pós-tradicional, com modificações do tempo e do espaço que afastam a vida social da influência vital de paradigmas necessários à História.

Diante do cenário desafiador constituído pelo sociólogo, com matizes de uma modernidade que altera a essência da condição humana, os princípios fundamentais da Doutrina Social da Igreja, em interface com o desafio antropológico apontado por Hadjadj, promovem *anúncio e denúncia*. O anúncio da Doutrina defende a dignidade e a integralidade da pessoa humana, ao mesmo tempo em seu contexto particular e na *Casa Comum*, com direitos e deveres que fundamentam a sua trajetória como perfeita e singular criação. A denúncia da Doutrina deseja preservar a vida de ameaças e corrupções levantadas por sistemas geopolíticos do contemporâneo. Assim, a Doutrina Social da Igreja ergue uma voz vigorosa em cenários pulsantes e emblemáticos das agendas globais.

Notas de inspiração (2) – (Não)Doutrina e Fraternidade: um horizonte social *ad gentes*

As notas crescem em inspiração. Interfaces entre a Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, de autoria do Papa Francisco, publicada em outubro de 2020, e a Doutrina Social

da Igreja representam uma iniciativa desafiadora e surgem de percepções despertadas pela motivação posta para a composição desta obra.

A Carta Encíclica (doravante **FT**), com tintas expressivas do contemporâneo, favorece diálogos com os vários princípios da Doutrina Social da Igreja inscritos em seu compêndio (doravante **CDSI**). Os exemplos de aproximação mostram-se profícuos – **FT** 10-12; **CDSI** 164 > *Bem Comum* / **FT** 30-31; **CDSI** 187 > *Subsidiariedade* / **FT** 42-43; **CDSI** 189 > *Participação*. Particularmente, para o objetivo desta breve reflexão, o Princípio da *Solidariedade* foi selecionado para a apresentação de um horizonte a ser ampliado em investigações futuras.

Excertos do capítulo 1 da **FT**, em livre associação, estão registrados na sequência para a formação de pares com fragmentos do Princípio da *Solidariedade* no **CDSI**. A **abertura** após cada **arco** – termos em destaque que caracterizam as sete articulações da reflexão a seguir – registra a essência dos pares em breves linhas de observação crítica.

• Arco 1

FT. Sonhos desfeitos em pedaços – 10/11. Ao longo de décadas, houve tentativas de pacificações e de aproximações. Em contraste, surgiram sinais de regressão, conflitos anacrônicos, nacionalismos fechados, ideologias como formas de egoísmo e perda do sentido moral.

CDSI. A solidariedade como princípio social e como virtude moral – 193. A solidariedade deve ser tomada, antes de mais nada, no seu valor de princípio social ordenador das instituições, com base no qual as “estruturas do passado”, que dominam as relações entre as pessoas e os povos, devem ser superadas e transformadas em *estruturas de solidariedade*, mediante a criação ou a oportuna modificação de leis, regras do mundo, ordenamentos.

Abertura

A aproximação entre os dois excertos, com teor incisivo, sugere a perspectiva do ordenamento como via para a construção de estruturas de solidariedade, em oposição às estruturas de abstenção que propagam inúmeras formas de repressão, conflito e egoísmo – elementos de redução do sentido moral.

• Arco 2

FT. O fim da consciência histórica – 13. O sentido da história recebe matizes de perda, em um fluxo agressivo de “desconstrucionismo”. Ao mesmo tempo, o consumo sem limites e o individualismo sem conteúdo ganham substância.

CDSI. *A solidariedade na vida e na mensagem de Jesus Cristo – 196.* N’Ele [em Cristo], e graças a Ele, também a vida social pode ser redescoberta, mesmo com todas as contradições e ambiguidades, como lugar de vida e de esperança, enquanto sinal de uma graça que de contínuo é a todos oferecida e que, enquanto dom, convida às formas mais altas e abrangentes de partilha.

Abertura

Cristo, o Verbo encarnado (e subversivo...) na História, oferece sentido novo ao enredo da humanidade, maculado com rupturas que ofuscam a plenitude de um projeto integrador. Pela Graça que renova e inova, a vida social é transfigurada em experiência de vida, partilha e esperança.

• Arco 3

FT. *O fim da consciência histórica – 14.* Há um esvaziamento semântico em palavras que devem caracterizar a dignidade humana: *liberdade, justiça, unidade*. Com efeito, trata-se de um processo de desfiguração das palavras no pensamento e na ação dos indivíduos, que se tornam suscetíveis a instrumentos de domínio.

CDSI. *A solidariedade na vida e na mensagem de Jesus Cristo – 196.* Jesus faz resplandecer, aos olhos de todos os homens, o nexo entre solidariedade e caridade, iluminando todo o seu significado.

Abertura

A citação da Carta Encíclica *Sollicitudo Rei Socialis*, de João Paulo II, concede ao artigo 196 uma abertura de horizontes, no sentido de ressignificar os conceitos de solidariedade e caridade com a semântica vivaz da justiça. Ecos semelhantes, revestidos de vida e mistério, estão presentes na liberdade, justiça e unidade.

• Arco 4

FT. *Sem um projeto para todos – 17.* O cuidado do mundo contempla o cuidado com a humanidade. É necessária, pois, a evangélica constituição de um “*nós*” que habite a Casa Comum.

CDSI. *A solidariedade como princípio social e como virtude moral – 193.* [A solidariedade] é a *determinação firme e perseverante* de se empenhar pelo *bem comum*; ou seja, pelo bem de todos e de cada um, porque *todos nós* somos verdadeiramente responsáveis *por todos*.

Abertura

O pronome *nós* assume a congregação de homens e mulheres de todo o universo, para a habitação na Casa Comum e com a responsabilidade da partilha solidária do bem comum. O *bem*, em sua concretude, encontra solo fértil na *Casa*. O *comum* é sinal pleno de graça e vida.

• Arco 5

FT. O descarte mundial – 19/20. Nos cenários do contemporâneo, os objetos de descarte não são apenas alimentos ou bens supérfluos, mas muitas vezes seres humanos. Nas sociedades, surgem várias formas de descarte, como o desemprego e o racismo.

CDSI. A solidariedade na vida e na mensagem de Jesus Cristo – 196. O próximo não é só um ser humano com os seus direitos e a sua igualdade fundamental em relação a todos os demais; mas torna-se imagem viva de Deus, resgatada pelo sangue de Jesus Cristo e tornado objeto da ação permanente do Espírito Santo.

Abertura

O ser humano – criado à imagem e semelhança do Criador – jamais poderá ser alvo de descartes. Eis aqui a interseção profética do anúncio e da denúncia nas duas fontes.

• Arco 6

FT. Direitos Humanos não suficientemente universais – 22. As sociedades contemporâneas apresentam contradições que ameaçam a dignidade proclamada nos Direitos Humanos. Um acentuado contraste vem à superfície da História, marcada pela opulência de poucos e pela miséria de muitos.

CDSI. Solidariedade e crescimento comum dos homens – 195. O princípio da solidariedade implica que os homens do nosso tempo cultivem uma maior consciência do débito que têm para com a sociedade em que estão inseridos.

Abertura

O convite à consciência crítica, urgente para a humanização das sociedades de hoje, desenha fronteiras com vistas à tomada de ações que possam reduzir o débito inscrito em cenários adversos à irrupção da justiça. Nessa inspiração, a ameaça à dignidade humana será minimizada com apurada consciência.

• Arco 7

FT. A ilusão da comunicação – 42/43. Com o avanço das tecnologias, cresce o desaparecimento de distâncias e aumentam os movimentos digitais. Em paralelo aos benefícios para a humanidade, surgem possibilidades obscuras: a ameaça à intimidade do ser, cenários digitais de ódio e destruição, risco de dependência e isolamento e perda progressiva de contato com a realidade concreta.

CDSI. Significado e valor – 192. A rapidíssima multiplicação das vias e dos meios de comunicação “em tempo real”, como são [...] os extraordinários progressos da informática, o crescente volume dos intercâmbios comerciais e das informações estão a testemunhar que [...] é já possível estabelecer relações também entre pessoas muito distantes umas das outras ou desconhecidas.

Abertura

O trecho do compêndio sublinha a trajetória da humanidade em constantes mudanças, geradas principalmente pelas tecnologias que oferecem “novas” experiências, de ordem local e global. Sob uma mirada comparativa, a encíclica chama a atenção para riscos e ameaças responsáveis por uma frágil ilusão de integralidade humana.

Desfecho

A aproximação entre a Carta Encíclica *Fratelli Tutti* e o *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, em breves recortes, possibilitou a elaboração de um panorama investigativo que poderá ser ampliado em estudos posteriores sobre a mobilidade humana. A fraternidade aberta e a amizade social, anunciadas pelo Magistério da Igreja Católica, são imperiosas para o bem-estar pleno, no presente e no futuro.

Miradas, entre doutrina e não doutrina, entre crenças e descrenças. Dr. Álvaro Vasconcelos – caracterizado, metaforicamente, como ícone – é inspiração para gerações cosmopolitas, ao longo de sua trajetória em Portugal e para além do continente europeu. O contexto desenhado neste capítulo apresenta pontos de debate, em contato com as doutrinas e não doutrinas da contemporaneidade. Quiçá a interpretação destas linhas, sob o olhar instigante de Dr. Álvaro, possa abrir notas de inspiração. Notas iluminadas por um ícone, entre a doutrina e a (não)doutrina, entre os limites e os horizontes postos pela História de ontem, hoje e sempre.

Referências Bibliográficas

COMPÊNDIO da Doutrina Social da Igreja. Pontifício Conselho “Justiça e Paz”. Tradução Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. São Paulo: Paulinas, 2011.

DECLARAÇÃO Dignitas Infinita: sobre a dignidade humana. Dicastério para a doutrina da fé. Brasília, DF: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – Edições CNBB, 2024.

FRANCISCO – *Carta Encíclica Fratelli tutti: sobre a fraternidade e a amizade social*, 2020. Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html

HADJADJ, Fabrice – *Reconhecer o homem no centro: desafio antropológico*. II Encontro Nacional de Leigos. Porto, 24 de janeiro de 2015. Disponível em <https://acege.pt/recolocar-o-homem-no-centro-fabrice-hadjad/>

Fontes

GIDDENS, Anthony – *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan (orgs.) – *Teoria social hoje*. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.